

ELLE KENNEDY E SARINA BOWEN

Nós

O FELIZES
PARA SEMPRE
DE RYAN
E JAMES

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

p a r a i e i a

Copyright © 2016 by Elle Kennedy e Sarina Bowen

Tradução publicada mediante acordo com Taryn Fagerness Agency
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Us

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Antonio Castro

REVISÃO Luciane Helena Gomide e Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kennedy, Elle

Nós : o felizes para sempre de Ryan e James / Elle Kennedy
e Sarina Bowen ; tradução Lígia Azevedo. — 1^a ed. — São Paulo :
Paralela, 2019.

Título original: Us

ISBN 978-85-8439-141-7

1. Ficção erótica 2. Ficção inglesa 3. Homens gays – Ficção
I. Bowen, Sarina. II. Título.

19-24786

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura em inglês 813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

NÓS:

O FELIZES PARA SEMPRE DE RYAN E JAMES

1

WES

Vancouver é uma cidade linda, mas mal posso esperar para ir embora. Acabamos de chegar ao fim da viagem mais longa do nosso calendário e estou louco para ir para casa. No quarto de hotel chique com vista para o lago, tiro o papel de seda da camisa que acabei de comprar na loja da esquina. Faz tanto tempo que estou vivendo das roupas da mala que não tenho mais nenhuma limpa. Mas é uma ótima camisa. Trocamos olhares enquanto eu passava diante da vitrine na volta de uma sessão de autógrafos num almoço benficiente.

Eu a desabotoo e visto. Verifico o caiamento no espelho do hotel e vejo que ficou bom. Ótimo, até. É de algodão fino, com um leve xadrez verde-limão. Bem britânica, e a cor vibrante me lembra de que não vai ser inverno para sempre.

Agora que sou obrigado a usar terno e gravata três ou quatro vezes por semana, preciso ser mais cuidadoso com meu guarda-roupa. Na época da faculdade, usava terno umas três vezes por ano. Mas isso não é problema, porque adoro roupas. E, a julgar pelo espelho do hotel, elas também gostam de mim.

Sou sexy pra caralho. Só queria que a única pessoa com quem me importo estivesse aqui para apreciar.

Ontem à noite, detonamos Vancouver, e não estou me gabando quando digo que foi graças a mim. Dois gols e uma assistência — minha melhor atuação até agora. Estou tendo o tipo de temporada de estreia que ganha as manchetes. Ainda assim, neste segundo, eu trocaria tudo isso por uma noite na frente da tv com Jamie e um boquete. Estou *cansado*. Acabado. Detonado.

Por sorte, tudo o que resta dessa viagem é o voo de volta no jatinho do time.

Pego o celular da escrivaninha e desbloqueio a tela. Com a câmera de selfie, tiro fotos do meu abdome, com a camisa aberta para revelar o tanquinho e a mão sobre a virilha. Demorei um tempo para perceber que Jamie curte minhas mãos. Juro que gosta delas até mais do que do meu pau.

Mando a foto. Nem preciso escrever nada.

Dou uma última olhada para o quarto do hotel, mas já guardei tudo. Aprendi rapidinho a não deixar o carregador do celular ou a escova de dente para trás. Viajamos tanto que fazer as malas se tornou minha nova especialidade.

Meu telefone vibra com a chegada de uma mensagem. *Porra. Vem logo pra casa. Meu pobre pau solitário nem precisa de foto. Já está duro.*

Tenho a impressão de que ele está só esperando que eu pergunte. Então escrevo: *Quão duro?*

O bastante para pregar um quadro nas nossas paredes vazias, ele responde. É verdade que não chegamos exatamente a decorar nosso apartamento. Trabalhamos demais e não tivemos tempo ainda.

Sexo está sempre acima da decoração do lar na nossa lista de prioridades. Escrevo pra ele: *Me mostra*. Tem um bom motivo para eu manter a tela do meu celular sempre bloqueada. Jamie e eu gostamos de trocar fotos íntimas.

Ele não responde. Talvez não esteja em casa. É de tarde em Vancouver, e Toronto está algumas horas à frente... Merda. Estou cansado de ter que ficar fazendo essa conta o tempo inteiro. Só quero ir para casa.

Pego a mala e desço. Alguns caras já estão esperando no saguão, tão a fim de ir para casa quanto eu. Vou até eles.

“Nossa, é melhor minha mulher estar em casa e sem roupa quando eu chegar”, Matt Eriksson diz quando me aproximo. “E as crianças estão dormindo. Com tampões de ouvido.”

Oito dias é bastante tempo, concordo por dentro. Mas não digo nada, porque, mesmo que meus companheiros de time sejam legais, não converso sobre esse tipo de coisa com eles. Não é meu estilo mentir, e não finjo que uma garota está me esperando em casa. Tampouco estou pronto para dizer quem está. Então fico na minha.

As feições nórdicas de Eriksson se viram para mim, e um sorriso bobo surge em seu rosto. “Caralho, meu olho! Acho que fiquei cego.”

“Por quê?”, pergunto, sem muita vontade. Eriksson está sempre fazendo piada.

“Essa camisa! Meu Deus!”

“Sério”, o veterano Will Forsberg diz, rindo enquanto cobre os olhos com a mão. “É brilhante demais.”

“É gay demais”, Eriksson corrige.

O comentário não me abala nem um pouco. “Isso é uma camisa Tom Ford, e é foda”, murmuro. “Aposto vinte pratas que vai aparecer no blog de uma fã antes do fim da semana.”

“Exibido”, Forsberg acusa. Na verdade, ele aproveita a atenção da mídia mais do que qualquer outro cara do time. Quando comecei a aparecer no gatosdohoquei.com, ele não gostou nem um pouco da concorrência.

Mal sabe ele que, no que depender de mim, pode ficar com todas as fãs.

“Só estou dizendo”, Eriksson insiste, “que você poderia se dar bem nos bares da Church Street com essa camisa.”

“Ah, é?”, pergunto. “E você sabe disso por experiência própria?”

Isso o faz calar a boca. Mas Blake Riley está olhando pro meu peito agora. Ele parece um filhote de cachorro gigante, com cabelo castanho sempre bagunçado e nenhum tipo de filtro.

“É quase hipnótico. Como se dissesse: ‘Te desafio a desviar os olhos.’”

“O que diz é: ‘Trezentos dólares, por favor’”, corrijo. “Sai caro ficar bonito assim.”

Blake desdenha, enquanto Forsberg diz que eu deveria pedir meu dinheiro de volta. Então o assunto muda para outro tipo de encheção de saco e a possibilidade de que a gente morra com as bolas congeladas no frio de Vancouver antes que o ônibus de fato apareça.

Finalmente, ele chega e embarcamos. Sento sozinho. Estamos na metade do caminho para o aeroporto quando o celular vibra. Configurei o aparelho para que nenhuma das minhas mensagens (especialmente as com fotos) apareça na tela bloqueada. É uma precaução importantíssima, e, depois que libero a tela com minha digital, vejo que o que Jamie acabou de me mandar prova isso. A imagem que preenche a tela é um perigo no ambiente de trabalho. Também é, ao mesmo tempo, safada e hilária. O pau

bem duro de Jamie está em destaque. Ele aponta para a parede, com a cabeça rosada apoiada num prego em que parece estar batendo. Jamie deve ter usado algum aplicativo para desenhar uma carinha feliz na glande. O efeito é surpreendentemente transformador. O pau dele parece... uma criatura alienígena bastante enérgica fazendo pequenos reparos na casa.

Dou uma gargalhada. Eles acharam que minha *camisa* era gay. Se vissem isso...

“Wesley?”

Blake levanta do assento atrás de mim para dizer alguma coisa. Aperto o celular com tanta força para mudar de tela que meu dedo até estala. “Oi?” Me pergunto o que foi que ele viu.

“Lembra que perguntei se você gostava do seu prédio?”

“Claro.”

“Fizeram minha mudança ontem. Sou seu novo vizinho. Décimo quinto andar.”

“Sério?”

“Legal, cara”, minto. Quando ele me perguntou a respeito, eu deveria ter falado só das partes ruins. *Fica longe demais do metrô. O vento frio que vem do lago é foda.* Nada contra Blake, mas não quero ter um conhecido como vizinho. Eu me esforço bastante para ficar fora do radar.

“A vista é demais, né? Só fui durante o dia, mas com as luzes à noite deve ficar espetacular.”

“É incrível”, admito. Como se eu ligasse. Tudo o que quero ver neste momento é o rosto do meu namorado. E tenho um voo de quatro horas pela frente até encontrá-lo em casa.

“Você pode me apresentar os melhores bares da região”, Blake sugere. “Te pago uma bebida.”

“Ótimo”, digo.

Porra, penso.

Levo dezoito anos para voltar a Toronto.

Até aterrissarmos e pegarmos as malas, já são sete da noite. Estou louco para passar um tempo com Jamie, mas vai ser limitado. Ele sai às seis da manhã para um jogo no Quebec com seu time de juniores.

Só temos onze horas, e ainda não estou com ele.

Cada farol vermelho no caminho para casa me deixa furioso. Mas, finalmente, estaciono na garagem do prédio (uma facilidade sobre a qual tinha me gabado para Blake, merda). Puxo a enorme mala de rodinhas até o elevador, que, por sorte, vai até o nosso apartamento no décimo andar sem parar uma única vez. No caminho, procuro a chave no bolso para já deixá-la à mão.

Finalmente, estou a vinte passos de distância, talvez dez. Então abro a porta. “Oi, lindo!”, chamo, como sempre faço. “Cheguei.” Entro com a mala e a deixo ao lado da porta, jogando o paletó em cima dela, porque tudo de que preciso é um beijo.

Só então noto o aroma incrível que se espalha pelo apartamento. Jamie fez o jantar para mim. De novo. É o homem perfeito, juro por Deus.

“Oil!”, ele diz, chegando pelo corredor que leva ao nosso quarto. Está só de jeans — e de barba, o que é inusitado. “Conheço você?” Ele abre um sorriso sedutor para mim.

“Ia perguntar a mesma coisa.” Fico encarando a barba loira dele. Jamie sempre teve o rosto lisinho. Quer dizer, nos conhecemos desde antes de termos pelos no rosto. Ele parece diferente. Mais velho, talvez.

E gostoso pra caralho. Sério, mal posso esperar para sentir sua barba contra meu rosto, e talvez meu saco. Nossa. O sangue já está correndo para baixo, e só faz uns quinze segundos que cheguei em casa.

Mas fico parado por um momento no meio da sala, porque, muito embora façã oito meses que estamos juntos, ainda fico um pouco tonto com a minha sorte. “Oi”, repito, feito um idiota.

Ele vem até mim, e seu jeito de andar é tão familiar que meu coração se derrete um pouquinho. Então põe as mãos nos meus ombros e massageia bem ali. “Não fica mais fora por tanto tempo. Se fizer isso de novo, vou ter que entrar de fininho no seu quarto de hotel.”

“Promete?”, digo, e minha voz sai áspera. Jamie está próximo o bastante para que eu possa sentir o cheiro de seu xampu e a cerveja que bebeu enquanto me esperava.

“Se um dia tiver uma folga, com certeza”, ele diz. “Sexo no hotel depois de um jogo? Parece bem gostoso.”

Agora estou medindo a distância para o sofá e contando as camadas de roupas que vou ter que tirar nos próximos noventa segundos.

Mas Jamie tira as mãos dos meus ombros. “Já comi, mas seu prato está no forno. Acabei de deixar lá, na verdade. Enchilada de frango. Leva uns quinze minutos pra esquentar.”

“Valeu.” Meu estômago ronca, e ele sorri. Acho que não é só de uma coisa que tenho fome.

“Quer uma cerveja?”

Sempre. “Vou pegar. Senta aí. Vai colocando o próximo episódio. Podemos ver enquanto esperamos.” Pareço excessivamente educado aos meus próprios ouvidos, mas voltar de uma viagem longa sempre é meio esquisito. Tem uma readequação breve, mas sempre estranha, pela qual eu nunca esperara.

Não participo das conversas domésticas dos meus companheiros de time casados. Mas, se fosse do tipo que compartilha as coisas, ficaria tentado a perguntar se vai ser sempre assim. Caras que estão com alguém há mais de dez anos também sentem isso? Ou é a novidade do nosso relacionamento que torna as coisas meio estranhas por uma ou duas horas depois do meu retorno?

Gostaria de saber.

Minha primeira parada é na cozinha aberta, onde pego duas cervejas, que abro e deixo na mesinha de centro. Já faz quase seis meses que moramos aqui, mas ainda não temos muitos móveis. Estivemos ocupados demais para arrumar o lugar. Mas temos tudo de que realmente precisamos: um sofá de couro gigante, uma mesinha de centro foda, um tapete e uma tv de tela grande.

Ah, e uma poltrona bamba que achei na rua e trouxe para casa apesar das objeções de Jamie. Ele a chama de poltrona da morte e evita chegar perto dela, insistindo que tem energia negativa.

Você pode tirar um garoto da Califórnia, mas não pode tirar a Califórnia do garoto.

Começo a ir para o quarto me trocar, mas paro e faço uma pergunta. “Ei, o que acha desta camisa? Comprei hoje, porque não tinha nenhuma limpa pra usar.”

Jamie aponta o controle remoto para a tv. “É bem verde”, ele diz, sem virar para olhar.

“Eu gostei.”

“Então eu também.” Ele vira e a barba me pega desprevenido de novo. Seu sorriso me manda correndo para o quarto.

A cama está perfeitamente arrumada. Jogo a calça, a camisa bem verde e a gravata sobre o edredom, querendo voltar logo para Jamie. Visto uma calça de moletom e volto para a sala. Ele está apoiado no braço do sofá, com as pernas esticadas sobre as almofadas. Nem me dou ao trabalho de fingir que tenho autocontrole. Deito à frente dele, com a cabeça contra seu ombro, as costas tocando seu peito.

“Droga”, digo quando me dou conta. “Deixei as cervejas fora de alcance.” Ele enlaça meu abdome. “Pega lá”, diz.

Me estico pra pegar as garrafas enquanto ele me segura para que eu não caia. A mesinha está na posição perfeita para que estiquemos os pés quando sentados, mas temos que fazer essa pequena manobra em caso de emergências relativas a cerveja quando estamos abraçadinhos. O que às vezes acontece.

Passo a garrafa dele por cima da minha cabeça e o escuto tomar um gole. Os créditos de abertura de *Banshee* — nossa série do momento — passam na tela. “Você não me traiu enquanto eu estava viajando, né?”, pergunto.

“De jeito nenhum. Mas o último episódio não terminou com um gancho para o próximo nem nada. Então eu nem passei muita vontade.”

Tomo um gole de cerveja e retorno à solidez de seu peito quente. Em geral, me envolvo bastante com a trama estranha e as cenas de luta malucas dessa série. Mas, esta noite, é só uma desculpa para ficar coladinho no sofá com meu homem enquanto a comida esquenta. A barba dele faz cócega na minha orelha. É diferente. Viro a cabeça para esfregá-la no meu rosto também. Nem vejo a tela, mas não me importo.

Jamie afunda o queixo e esfrega a barba na minha bochecha, então desliza os lábios pelo meu pescoço, arrepiando os pelos por onde passa. “O que achou?”, ele pergunta, baixo.

Viro para ele com cuidado, para não derrubar a cerveja. “Você tá lindo demais. Tipo J-Tim depois que saiu do NSYNC e ficou gato. Mas quero sentir roçando no meu saco antes de dar meu parecer final.”

Jamie joga a cabeça para trás e ri, e é assim, de repente, que o gelo da viagem se quebra. Voltamos a ser só nós dois, sua risada fácil e o conforto que sinto quando ele está por perto.

Isso... Baixo a cabeça e dou uma lambida no pescoço dele, bem abaixo do limite da barba. Então chupo sua pele delicadamente. Jamie para de rir e relaxa seu corpo contra o meu. Estamos pele com pele acima da cintura, e a sensação de seu coração batendo contra o meu me deixa com vontade de chorar em gratidão. Passo o nariz pelo princípio de barba, percorrendo um caminho sinuoso até sua boca. Os pelos são mais macios do que eu esperava.

“Me beija logo, porra”, ele sussurra.

Obedeço. A barba acaricia meu rosto enquanto encaixo minha boca na dele, mergulhando, como se fizesse oito meses que não nos víamos, não oito dias. Jamie solta um gemido feliz do fundo do peito. Eu o beijo demoradamente, me acostumando aos poucos com seu gosto e com o calor de sua respiração no meu rosto.

Ele suspira e eu desacelero, esfregando devagar meus lábios contra os dele.

Não vamos perder o controle agora, mas não porque não nos sentimos confortáveis. É mais porque estamos ambos segurando uma garrafa de cerveja e meu jantar está no forno. Temos a noite toda.

É nisso que estou pensando, feliz, até que ouço um som pouco familiar — alguém batendo à porta. É tão raro que a princípio assumo que é um ruído de fundo do programa. Mas então batem de novo. “Wesley! Abre logo, seu cretino! Eu trouxe cerveja!”

Jamie afasta a cabeça, com as sobrancelhas franzidas. “Quem é?”, ele faz com a boca, sem produzir som.

“Porra”, sussurro. “Só um segundo!”, grito. Então cochicho à orelha de Jamie. “Um colega de time. Blake Riley. Mudou para o décimo quinto andar.”

Jamie bate de leve em mim e entendo o que quer dizer. Tenho que ajeitar a calça para tornar o princípio de ereção menos óbvio. Vou para a porta da frente e abro uma fresta. “Então você me encontrou.”

Blake abre um sorriso grande e bobo, então passa por mim para entrar no apartamento. “Claro! Tem caixas espalhadas pela minha sala inteira. Um desastre total. Minhas irmãs encontraram os lençóis e arrumaram a cama, mas fora isso está um inferno lá em cima. Então comi um hambúrguer, comprei cerveja e pensei em vir aqui.”

Por um momento, penso em expulsar o cara. De verdade. Mas não tenho como fazer isso sem ser grosseiro. Quer dizer, estou de calça de moletom, com uma cerveja na mão e a tv alta atrás de mim. Sou exatamente o tipo de cara que tem tempo para beber uma cerveja com seu colega de time. E Blake já me chamou para beber algumas vezes, mas eu sempre dava uma desculpa quando não estávamos na estrada.

“Entra aí”, digo, odiando minhas próprias palavras. Ele já entrou, pra começar. O babaca. Sessenta segundos atrás, a língua de Jamie estava na minha boca.

Cacete.

Blake não nota meu desconforto. Coloca as cervejas na mesinha de centro e senta no sofá onde Jamie estava há um minuto. Sua garrafa aberta está na bancada que divide a cozinha e a sala, mas ele sumiu.

“Pronto pra outra?”, Blake pergunta, pegando uma.

“Estou bem”, digo, tomando um gole da que tenho na mão.

Jamie chega do corredor, usando uma camiseta que estraga a visão que eu tinha de seu peito musculoso e dourado. “E aí?”, ele cumprimenta. “Sou Jamie.”

“Ah, você é o colega de quarto!” Blake levanta na hora e segura a mão de Jamie com sua pata gigantesca. “Legal te conhecer. Você é treinador, né? De defesa? Trabalha com adolescentes?”

“Hum, é.” Jamie levanta os olhos interrogativos para encontrar os meus.

Estou tão confuso quanto ele. Devo ter mencionado que dividia o apartamento a umas duas pessoas a temporada inteira, e pelo visto Blake é uma delas. Nunca falo de Jamie para os meus colegas, porque não quero ficar controlando minhas palavras, sem saber quais detalhes passam dos limites.

E sempre evito mentir descaradamente sobre ele. Não é meu estilo.

Blake é um cara grande com um sorriso fácil. Para falar a verdade, sempre assumi que era um pouco lento. Talvez estivesse enganado. “Quer uma cerveja?”, ele pergunta. “Ei! Adoro *Banshee!* Que episódio é esse?” Ele volta depressa para o sofá e senta.

Não sei bem o que fazer, então sento no canto oposto a ele.

Jamie vai para a cozinha, e eu fico olhando para a tela, tentando entender o que está acontecendo no episódio. Hood tenta escapar de um pré-

dio depois de ter roubado alguma coisa. Seu amigo asiático e trans tenta ajudá-lo a sair dali passando informações através de um receptor no ouvido dele.

Não tenho ideia do que se passa. Na tela ou na minha sala.

Jamie volta alguns minutos depois com uma bandeja de enchiladas cobertas com queijo derretido. O prato estava quente do forno, e sou famoso por me queimar na cozinha. Fico com água na boca quando vejo uma porção generosa de sour cream e abacate picadinho para acompanhar. Ele até pensou no guardanapo e nos talheres.

Uau.

Ter um namorado que te faz comida e ainda leva até você deve ser a melhor coisa do mundo, só que os olhos de Jamie estão perguntando se ele pode me entregar a bandeja ou se seria esquisito demais. Íntimo demais.

Levanto e pego a bandeja dele porque, caralho, é a minha casa e posso fazer o que quiser aqui. “Valeu. Parece ótimo.”

Jamie me dá a piscadela mais rápida do mundo, então eu sento no sofá para comer o jantar que ele me trouxe. Não é tudo o que quero do meu namorado, mas vai ter que bastar por enquanto.